

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Simone Maria Verdum Souza

Construção da subjetividade pelo uso do adjetivo no conto Negrinha, de Monteiro Lobato.

São Paulo

2019

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Simone Maria Verdum Souza

Construção da Subjetividade pelo uso do adjetivo no conto Negrinha, de Monteiro Lobato.

Monografia apresentada como exigência da obtenção do título de ESPECIALISTA em Língua Portuguesa, orientada pela Professora Mestre Valeuka França Cury Martins

São Paulo

2019

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento, e Extensão - COGEAE

Programa de Estudos Pós-Graduação em Língua Portuguesa

Orientador(a): Valeuska França Cury Martins

Proponente:

Simone Maria Verdum Souza

Endereço: Rua Renato Egídio de Souza Aranha, 221 A, ap. 12 A - São Francisco - SP

Telefone: (11) 99983-1177

Endereço eletrônico: simone.verdum@yahoo.com.br

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	05
1.1 Tema	05
1.2 Problema	05
2. OBJETIVOS.....	05
2.1 Geral.....	05
2.2 Específico.....	05
3. JUSTIFICATIVA.....	06
4. REVISÃO TEÓRICA.....	08
4.1. Panorama histórico do adjetivo.....	11
4.2. Benveniste e a subjetividade no texto.....	14
4.3. Panorama histórico do conto Negrinha.....	15
4.4. Resumo do conto Negrinha.....	17
4.5. O valor semântico do adjetivo no conto Negrinha.....	18
5. METODOLOGIA	26
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
7. REFERÊNCIAS.....	28
8. ANEXO.....	30

1. INTRODUÇÃO

1.1 TEMA

A construção da subjetividade pela adjetivação em texto literário: o adjetivo como norteador de contexto sociocultural e os possíveis significados construídos no recorte temporal.

1.2 PROBLEMA

A seleção de adjetivos induz o leitor a partilhar da mesma opinião do enunciador ou abre um leque de possibilidades interpretativas?

É possível reproduzir o pensamento de uma época pela seleção do adjetivo ou há imparcialidade na escolha desse vocábulo?

Partindo desses questionamentos, tem-se por hipótese que a seleção do adjetivo pode colaborar para interpretação social e cultural de um momento histórico. A escolha lexical pode revelar desmandos, desnudar desigualdades, descrever hipocrisias, estimular mudanças e reflexões. O texto, como um todo, é projeção de um momento, cuja elaboração textual, com recorte para o adjetivo, pode contribuir para remontar períodos e compreender o presente.

2. OBJETIVOS

Geral

O objetivo geral desta pesquisa é tratar da importância do conhecimento léxico-gramatical para construção de sentido em texto literário, tendo por foco o adjetivo.

Específico

Levantar os adjetivos presentes no texto "Negrinha", de Monteiro Lobato.

Classificar os adjetivos como predicativos e não-predicativos.

Analisar a o sentido ideológico construído pelo adjetivo no contexto da obra lobatiana e, assim, refletir sobre as possibilidades interpretativas.

3. JUSTIFICATIVA

É inegável que a literatura tem papel preponderante na formação do leitor como cidadão crítico. Resgatar o passado através do olhar perspicaz do autor, permite ao leitor refletir sobre o presente. Segundo Bakhtin, *texto é evento que se desenrola entre discursos e em enunciações precisas*, e continua, *tudo o que se diz é determinado pelo lugar de onde se diz*. Pode-se inferir daí que, ainda que velada, a subjetividade do autor revela-se na escolha lexical para construção de sentido e colabora para compreensão do momento histórico em que está inserido o texto ou momento em que a obra se projeta.

O presente estudo, selecionado a título de exemplificação, tratará do conto *Negrinha*, de Monteiro Lobato, publicado em 1920. O contexto histórico é relevante nesta análise, pois retrata um período marcado pelo autoritarismo e pelo preconceito racial. De acordo com Bignotto (2006), *Lobato situa a história de Negrinha em um tempo em que a escravidão havia sido abolida por lei – mas leis não têm força para abolir costumes culturais [...]*.

Sob a perspectiva da Análise do Discurso da Linha Francesa, pretende-se investigar a produção de sentido pela adjetivação no texto de Monteiro Lobato. O processo de construção das personagens pode ser revelador de identidades sociais e colaborar para desnudar o pensamento predominante de uma determinada época.

A escolha por esse tema colabora por uma inquietação pessoal ao considerar que não há imparcialidade na construção textual. Ao descrever uma personagem, considerando-se o contexto histórico e o tema, ainda que seja texto figurativo, a seleção dos adjetivos traz consigo a carga subjetiva do autor, inserido em seu tempo, ou em um tempo fictício a que se projeta, é capaz de construir e reconstruir significados.

O estudo perpassa pela construção de sentido que a seleção lexical, especificamente neste estudo, o adjetivo, pode oferecer ao leitor. Tratando-se de leitor experiente, é provável que sua capacidade de seleção e inferência seja maior em comparação a um leitor incipiente. É em relação a esse último que a busca pelo sentido do adjetivo faz-se necessária, pois a leitura superficial pode comprometer o significado real e não produzir o efeito pretendido. Um leitor iniciante pode ficar restrito a um significado único e raso do adjetivo dentro do contexto, e isso pode comprometer a sua compreensão e apreensão de sentido. Daí a leitura duvidosa, a

leitura superficial e, o mais preocupante, a leitura preconceituosa ou discriminatória. Recai sobre o autor, a pecha de racista ou preconceituoso, quando, na verdade, a intenção é revelar ao mundo o incômodo e o inconformismo perante uma sociedade hipócrita e vil.

Entende-se, portanto, que a pesquisa auxiliará ao leitor quanto ao conhecimento prévio no que tange ao adjetivo, dessa forma, será mais proficiente na leitura e exercerá o seu papel de cidadão crítico e reflexivo, capaz de inferir ou de transformar o seu tempo.

4. REVISÃO TEÓRICA

É fato que textos literários são direcionamentos para muitos aspectos estudados no que tange à língua materna. Em tempos remotos, a modalidade escrita da língua tinha como espelho os consagrados escritores, já que dominavam a linguagem literária. A língua também se dividia em literária, formal, informal ou coloquial e vulgar, esta última a mais recorrente e comum.

Neste aspecto, não só a escrita foi um importante fator, mas o pensamento de uma época também está cunhado na seleção de vocábulos. Camões usou seus versos para cantar o amor ou para registrar o abuso de poder do Rei Afonso IV. No episódio IV, de *Os Lusíadas*, o sábio e consciente velho condena a atitude de um rei que porá em risco milhares de vidas por um bem individual. Neste trecho da estrofe 94, ainda que em menor quantidade, o adjetivo colabora para a construção de sentido. Vejamos o que declara em seus versos:

"Mas um velho d'aspeito venerando,
Que ficava nas praias, entre a gente,
Postos em nós os olhos, meneando
Três vezes a cabeça, **descontente**,
A voz **pesada** um pouco alevantando,
Que nós no mar ouvimos claramente,
C'um saber só de experiências feito,
Tais palavras tirou do experto peito."
(CAMÕES, *Os Lusíadas*, Canto IV,
estrofe 94).

Ainda que proclamando os feitos heróicos de um povo, nesse trecho, os adjetivos, *descontente* e *pesada*, colaboram para a negatividade do feito. A intenção do autor está presente na escolha uma vez que, segundo Benveniste, *a linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou, confirma [...], na linguagem, à medida que dela faz uso, o homem instaura a subjetividade, que é a capacidade do locutor para se propor como sujeito.* (BENVENISTE, 1991, p.286).

Assim acontece com o texto selecionado para esta pesquisa, *Negrinha*, de Monteiro Lobato, cujo autor se encaixa em um contexto de preconceito racial e acentuada diferença social. Monteiro Lobato, escritor de enquadramento literário do pré-modernismo, embora não tenha vivenciado ativamente a explosão do grupo de 22, foi um nome marcante na literatura brasileira. Sua produção literária, voltada

exclusivamente para o público adulto, de 1945-1946, abrange o conto *Negrinha*, e tenta desnudar um país atrasado, ainda enraizado na mentalidade escravocrata, o que se percebe pelo enredo dos textos em que Monteiro Lobato revela um Brasil e agrário nos primeiros livros: *Urupês*, *Cidades Mortas*, *Negrinha*.

Dominique Mainguenu afirma que os discursos têm uma caracterização geral, definindo-os "como integralmente linguísticos e integralmente históricos" (2005, p.16). Entende-se, portanto, que há o que pode ser dito pela língua e há o que pode ser dito referindo-se a um tempo-espço histórico.

Para eficiência do estudo, vale resgatar o valor gramatical do adjetivo e como se apresenta na construção textual. Para isso, serão consideradas as observações e conceitos do gramático Ataliba Teixeira de Castilho que informa:

"[...] são adjetivos as expressões que ocorrem na função atributiva, como constituintes de um sintagma nominal, como em [*um livro caro*]; ocorrem na função predicativa, como constituintes de um sintagma verbal, com em [*o livro é caro*] de um ; podem ser pré-modificados pelo intensificador *muito*, como em [*um livro muito caro*]; e, finalmente podem assumir formas comparativas e superlativas, como em [*um livro mais caro que um caderno*], [*livro caríssimo*]."(ATALIBA, 2010, p. 512)

Desta forma, os adjetivos selecionados do conto *Negrinha* terão a classificação de adjetivos predicativos (os relativos), e adjetivos não predicativos (os absolutos, ou de verificação). A pesquisa terá como foco a revelação intrínseca do uso do adjetivo no conto de Monteiro Lobato. A intenção é colaborar para que haja reflexão na leitura e no uso deste sintagma. O contexto de produção será de suma importância para possíveis inferências e reflexões.

A Gramática, trará embasamento teórico para fundamentação do adjetivo no português do Brasil. Ataliba T. de Castilho infere que essa classe morfológica tem dupla função na língua: a predicação do adjetivo pode atribuir propriedades a expressões contidas no enunciado, mas também atribuir propriedades fora do enunciado, segundo o autor a predicação é um processo semântico e simultaneamente sintático. (2010, p. 519).

Sob essa perspectiva, a pesquisa visará à análise do uso do adjetivo em texto literário, compreendendo que a seleção não é aleatória, mas um norteador de contexto histórico, de uma voz que insiste em ecoar.

Pretende-se com esse estudo, propiciar que o leitor tenha proficiência na leitura, para isso considerar-se-á, também a posição do adjetivo na construção da frase. O adjetivo predicativo pode antepor-se ou pospor-se ao substantivo (paisagem *calma* ou *calma* paisagem), já o adjetivo de verificação ocupa, geralmente, uma posição pós-nominal (paisagem *rural* e não *rural* paisagem). *a posição pré-nominal favorece uma interpretação conotativa do adjetivo, ao passo que a posição pós-nominal favorece uma interpretação denotativa.*(CASTELEIRO, 1981, apud ATALIBA, 2010).

O valor semântico do adjetivo incidirá sob as perspectivas do adjetivo predicativo, de ordem livre, e a do adjetivo não predicativo (ou de verificação), de ordem mais fixa. Segundo análise proposta por Cecília Maria Moraes Castilho (1993), os adjetivos se dividem em três processos de predicação: emissão de um juízo sobre o valor de verdade da classe-escopo; modificação da extensão dos indivíduos designados pela classe-escopo; modificação das propriedades intencionais da classe-escopo. Ataliba, por sua vez, adotará as seguintes subdivisões para os adjetivos predicativos: modalizadores, qualificadores e quantificadores, respectivamente. Enquanto para os adjetivos de verificação, a subdivisão será: pátrios, gentílicos e de cor. Por fim, agrega uma terceira classe: os adjetivos dêiticos, que têm perspectiva locativa e temporal.

O presente estudo permeará, sobretudo os adjetivos predicativos: o papel textual do adjetivo na configuração dos gêneros e em sua utilização nos eixos argumentativos, sob a base teórica fundamentada pelo gramático Ataliba Teixeira de Castilho.

4.1. Panorama Histórico do Adjetivo

A escolha do adjetivo suscita polêmica. O questionamento acerca dessa classe gramatical gera problematização, pois, diferentemente das demais, há um leque de teorias que divergem em relação a essa classificação.

O desejo pelo conhecimento do adjetivo remonta à Antiguidade e é consenso entre os linguistas que a análise gramatical tem suas raízes no grego.

Na ânsia de compreender o pensamento, Platão dividiu a unidade do discurso em dois mecanismos: ónoma (nome) e rhéma (verbo). Aristóteles acrescentou os syndesmoi (partículas). Os estóicos distinguiram as classes variáveis das classes invariáveis. Diferentemente de Platão, Dionísio Trácio reformulou a unidade do discurso em oito categorias: nome, verbo, pronome, particípio, artigo, advérbio, preposição e conjunção, que também foi, assim considerada, para Apolônio Díscolo.

Não se distinguia, portanto, o adjetivo do substantivo, reunindo-os sob a denominação de nomen, mais especificamente para o adjetivo, nomen adiectivum.

Somente no século XVIII, aconteceu, pelos gramáticos da língua latina, a dissociação entre adjetivo e substantivo. As percepções de que havia diferenças entre uma categoria e outra foram decisivas para isso: o adjetivo aceita flexão de grau e o substantivo não. Vejamos o que Ataliba T. Castilho explicita sobre a diferença entre o adjetivo e o substantivo na Nova Gramática do Português Brasileiro, (2010).

(1) Flexão de grau acrescida do sufixo produtivo (-íssimo, como, vermelhíssimo) ou terminações oriundas do latim (-or, como, maior, pior, melhor), ou por Especificadores e Complementadores (representados nos graus comparativos e superlativos relativos, por tão (adj.) como/quanto; mais (adj.) do que;o mais (adj.) do(a), respectivamente.

(2) Adjetivos podem ser criados por derivação de modo com o acréscimo do sufixo -vel, como aceitável.

(3) Adjetivos aceitam a terminação -mente, transformando-se em advérbio, como facilmente.

(4) Adjetivos aceitam a derivação de quantificação expressa pelo sufixo -oso, -al, como estudioso, sensacional.

As teorias se aperfeiçoaram, mas não radicalizaram no que tange ao adjetivo como elemento relacionado ao substantivo, este como eixo da determinação, aquele como determinante.

Nas Gramáticas atuais, ainda há divergência quanto à definição do adjetivo. Para Napoleão Mendes de Almeida, (2009), "adjetivo é toda palavra que modifica a compreensão do substantivo, afetando, quanto à ideia, a substância da coisa [...]". Castilho (2010), no entanto, afirma que

"são adjetivos as expressões que ocorrem função atributiva, como constituintes de um sintagma nominal[...]; ocorrem como função predicativa, como constituintes de um sintagma verbal [...]; podem ser pré-modificadores pelo intensificador muito [...] e, finalmente, podem assumir formas comparativas e superlativas [...]."

(ATALIBA, 2010, p. 512)

A classe do adjetivo é basicamente predicadora, funcionando, portanto como adjunto adnominal enquanto constituinte do sintagma nominal, ou como predicativo enquanto constituinte do sintagma verbal. Partindo dessas duas funções, Ataliba T. de Castilho, (2010, p. 517) analisa a frequência dos adjetivos e afirma que, sintaticamente, eles se comportam de forma sistemática, pois:

- (1) Concordam com o substantivo, sempre que variáveis em gênero e número.
- (2) Acompanham o substantivo, pospondo-se a ele (substantivo-adjetivo) ou antepondo-se (adjetivo-substantivo).
- (3) Acompanham a sentença, hiperpredicando-a.
- (4) Apresentam um Especificador quantificador a sua esquerda.
- (5) Podem apresentar um Complementador à direita.

- (6) Podem assumir uma forma deverbal.
- (7) Podem assumir uma forma simples ou composta.
- (8) Podem ser elididos.

Ou ainda, assumir adjetivação múltipla quando relacionados ao sintagma nominal, "em que se combinam adjetivos predicativos e não predicativos, formando os sanduíches adjetivais". (LEMLE, 1978, apud ATALIBA, 2010)

Em relação ao substantivo, o adjetivo, sintaticamente, pode ser dividido em duas ordens: livre ou presa, adquirindo, portanto efeitos de sentido quando há alteração de sua posição. Somente os adjetivos predicativos, ou seja, aqueles relacionados ao sintagma verbal, usufruem de plena liberdade de colocação, enquanto os de verificação (ou não predicativos) exigiriam uma regra definitiva. Mary Aizawa Kato, afirma que "adjetivos de apreciação subjetiva podem ser pré-nominais" acrescentando ainda os adjetivos de intensificação ou atitudinais. "Nos demais casos, a ordem preferida é pós-nominal", (KATO, 1983, apud ATALIBA, 2010)

Nesta pesquisa, serão consideradas as ordens livre e/ou presa do adjetivo como também os de função predicativa do adjetivo. Para tanto, é necessária a compreensão de que os adjetivos predicativos, segundo Ataliba (2010), transitam, de forma bastante comum, antes ou depois do nome. Alguns gramáticos inferem sobre a posição anteposta do adjetivo ao substantivo, acrescentando a isso apreciação subjetiva do interlocutor. Cohen (1989) constatou que, no século XIX, houve queda considerável na construção adjetivo-substantivo, privilegiando, portanto, a ordem pós-nominal substantivo-adjetivo. Embora, hoje, a posição anteposta do adjetivo ao nome possa configurar recurso estilístico, é consenso, também, que assegura mais subjetividade. Segundo dados da língua falada, a preferência pelo adjetivo anteposto configura avaliação subjetiva do falante. Ataliba corrobora esta informação quando nos diz:

"Tem-se notado que, quando se antepõem , os adjetivos favorecem uma predicação mais subjetiva do substantivo, ressaltando seus valores afetivos[...]" (ATALIBA, 2010, p. 521)

Partindo dessa perspectiva, os adjetivos selecionados para análise do conto Negrinha, de Monteiro Lobato, seguirão o eixo da subjetividade. Contribuirá para isso, a afirmação de Catherine Kerbrat-Orecchioni, em *Análise da Conversação - Princípios e Métodos*, (1980)

"a adjetivação subjetiva é avaliativa ou afetiva, permeada pelo ponto de vista do enunciador, contém um juízo de valor, que pode ou não ser aceito pelo interlocutor".

O adjetivo, no conto lobatiano, será analisado sob a ótica da função predicativa predominantemente, mas, para contrapor, será mencionada a função não predicativa, ou seja, a posição posposta, que conferirá qualificação objetiva do substantivo.

4.2. Benveniste e a subjetividade no texto

Benveniste (1991) tem como eixo norteador, de sua teoria da enunciação, o sujeito, porque é por ele que a linguagem se desenvolve e, por conseguinte, a subjetividade que aqui nos interessa. Segundo o linguista, é

na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito do ego" (BENVENISTE, 1991, p. 288).

Nessa percepção, o sujeito adquire a "capacidade do locutor para se propor como sujeito" que é, nada mais, a subjetividade que se instaura no ato da comunicação, ou seja, a subjetividade, segundo a teoria da enunciação de Benveniste, é *sine qua non* à linguagem, que, por sua vez, acontece a partir da

existência do eu com o tu. Ainda, segundo sua teoria, a pessoa existe em qualquer língua, logo, a subjetividade também. Afirma ainda

“é tão profundamente marcada pela expressão da subjetividade que nós nos perguntaríamos se, construída de outro modo, poderia ainda funcionar e chamar-se linguagem”. (BENVENISTE, 1991, p. 288).

Valendo-se de estudos anteriores, Charaudeau (1983), com o *princípio de influência*, afirma que

todo sujeito que produz um ato de linguagem visa atingir seu parceiro, seja para fazê-lo agir, seja para afetá-lo emocionalmente, seja para orientar seu pensamento. Por conseguinte, todo sujeito receptor-interpretante de um ato de linguagem sabe que é alvo de influência. Isto confere a este último a possibilidade de interagir, mas obriga os parceiros a levar em consideração a existência de restrições ao exercício da influência. A finalidade intencional de todo ato de linguagem se acha pois inscrita no dispositivo socio-linguageiro.

Pensar dessa forma, significa, portanto, que o enunciador não é despretensioso ao elaborar o seu discurso. A seleção, a ordenação das palavras e das frases são elementos constitutivos da subjetividade para se chegar em um objetivo. Não há imparcialidade no discurso, o receptor será capaz de compreender ou não quando considerados os parâmetros que usa como referência.

4.3. Panorama Histórico do Conto Negrinha

José Bento Renato Monteiro Lobato é um escritor com engajamento social. Inserido no contexto histórico do século XX, e na literatura, no Pré-Modernismo, o escritor revela, na escrita, uma miscelânea de movimentos literários anteriores e posteriores. O prefixo “pré” pode assumir duas perspectivas de compreensão: a primeira, de ordem cronológica, significa que é um movimento que antecipará características que se distinguirão dos movimentos anteriores. A segunda, de ordem semântica, indicará um “quase” movimento, abarcará, portanto, as mudanças nas estéticas literárias ocorridas na década de 20. Partindo da segunda vertente, os escritores pré-modernistas, não só procuram nacionalizar a língua, mas denunciar os problemas locais e sociais.

Do Simbolismo ao Modernismo, Lobato registrou as mazelas de um povo sofrido e marcado pelo peso da escravidão. O conto Negrinha, que será o texto de apoio desta pesquisa para o estudo do adjetivo, foi publicado em 1920, mais de trinta após a abolição da escravatura, mas ainda traz consigo as marcas de uma sociedade enraizada no pensamento do opressor versus oprimido. Bignotto (2006) afirma que não há leis que impeçam o pensamento, logo, não será a punição que inibirá o pensamento racista ou preconceituoso.

Ainda que esse apontamento seja um condutor de possíveis interpretações, esta pesquisa terá como eixo norteador a colaboração que o adjetivo pode trazer ao texto. A leitura da obra de Monteiro Lobato suscita dúvidas quanto ao posicionamento dele em relação ao branco e ao negro. Há quem duvide da veracidade da denúncia social e aponte-o como disseminador do pensamento escravocrata que, ainda hoje, insiste em se manifestar. Para isso, alega-se o envolvimento do autor com grupos que pregavam a eugenia. A carta enviada pelo autor, em 1928, ao médico baiano Arthur Neiva, foi um documento que ganhou força para aqueles que atestam o racismo de Lobato. Segue trecho da carta:

" Paiz de mestiços onde o branco não tem força para organizar uma Kux-Klan, é paiz perdido para altos destinos. André Siegfried resume

numa frase as duas atitudes. "Nós defendemos o front da raça branca – diz o Sul – e é graças a nós que os Estados Unidos não se tornaram um segundo Brasil." Um dia se fará justiça ao Klux Klan; tivéssemos ahi uma defeza desta ordem, que mantem o negro no seu lugar, e estaríamos hoje livres da peste da imprensa carioca – mulatinho fazendo o jogo do gallego, e sempre demolidor porque a mestiçagem do negro destróe a capacidade constructiva" .

Na interpretação definitiva do conto, cabe ao leitor decidir se o uso do adjetivo é de ordem racista ou denunciadora. Os intentos são ampliar as possibilidades de vocabulário e de estruturação da frase quanto à posição do adjetivo e subsidiar gramaticalmente a exploração consistente e argumentativa da língua considerando-a como algo vivo e contemporâneo.

4.4. Resumo do Conto Negrinha

O conto retrata o sofrimento de uma criança que ficou órfã e foi viver sob os cuidados de uma senhora branca que se autodenominava benevolente e merecedora do céu. Negrinha, personagem protagonista e título da história, vai adquirindo contornos diferentes no conto, pode sugerir a cor da pele, daí, classificar-se como adjetivo, ainda que o uso possa adquirir conotação pejorativa com o acréscimo do diminutivo “inha”, ou, ainda, tratar-se de nome tipificador: Negrinha perde sua identidade e passa a ser todas as crianças que viviam sob aquelas circunstâncias de maus tratos infundáveis.

O desenrolar da trama é algo desconfortável para o leitor, pois evidencia os desmandos de uma mulher, apoiada pela igreja, representada na figura do padre, que se sente no direito de punir gratuitamente uma criança. Fragilizada pela perda da mãe, a personagem, protagonista e título da história, não refuta nenhuma ordem ou castigo.

A menina não sonha, nem questiona a realidade, porque desconhece outra, para ela, viver assim, era o que uma criança podia ter. Seu passatempo era

observar o cuco que saía mecanicamente para anunciar determinada hora do dia, como revela a seguinte passagem:

"E o relógio batia uma, duas, três, quatro, cinco horas — um cuco tão engraçadinho! Era seu divertimento vê-lo abrir a janela e cantar as horas com a bocarra vermelha, arrufando as asas. Sorria-se então por dentro, feliz um instante."

Assim, a criança passava os dias, ora na quietude do silêncio ensurdecedor, pois nem chorar podia, ora como alvo de castigos e deleites da senhora que insistia em lhe dar croques e castigá-la.

Negrinha adquire consciência de que sua vida simplesmente passava e ela não desfrutava da vida infantil e da liberdade que lhe eram direitos, quando duas sobrinhas, brancas, de dona Inácia vão passar férias em sua casa.

Mais uma vez a maldade se reveste de comoção, e dona Inácia permite que a inocente criança adentre no mundo que, verdadeiramente, deveria ser o seu. O trecho a seguir exemplifica o êxtase da protagonista ao se deparar com uma boneca que, inicialmente, acreditou ser de verdade.

"Depois pegou a boneca. E muito sem jeito, como quem pega o Senhor menino, sorria para ela e para as meninas, com assustados relanços de olhos para a porta. Fora de si, literalmente... era como se penetrara no céu e os anjos a rodeassem, e um filhinho de anjo lhe tivesse vindo adormecer ao colo."

Assim, Negrinha se apercebe de uma realidade cruel e, tomada por uma dor profunda, a protagonista permite que a rotina dolorosa de uma criança maltratada vá embora juntamente com as sobrinhas ricas. As meninas deixam a casa da tia e levam consigo não só a boneca, mas também a vontade de viver de Negrinha. A personagem central morre como um animalzinho sem dono:

"Morreu na esteirinha rota, abandonada de todos, como um gato sem dono. [...] Depois, vala comum. A terra papou com indiferença aquela carnezinha de terceira — uma miséria, trinta quilos mal pesados..." , (LOBATO, 2000).

4.5. O valor semântico do adjetivo no conto Negrinha

Sabemos que a literatura tem valor inegável e é de grande valia para a compreensão de mundo. A leitura de textos diversos permite adentrar mundos nunca experimentados, vivenciar situações, das mais sublimes às mais hostis, conhecer realidades diferentes, reconhecer problemas de datas longínquas, mas que ainda persistem na contemporaneidade. Assim é a obra de Monteiro Lobato: questionadora, invasora, perturbadora, denunciadora. Para corroborar com esse pensamento, Antônio Cândido, respeitado crítico literário, escreve no ensaio “Direito à Literatura”:

“a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apóia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas.”

Baseado nessa constatação, o conto analisado, *Negrinha*, voltado para o público adulto e considerado por Ítalo Mariconi, como um dos Cem melhores contos brasileiros, terá como contexto histórico o período pós-abolição e Primeira República.

Negrinha, personagem-título, traz consigo as marcas de uma sociedade enraizada nos costumes escravocratas, sofre as humilhações e os maus-tratos que ainda hoje podem ser percebidos na voz ou na atitude velada de um grupo que ainda resiste em pleno século XXI.

A voz que assume o discurso, ou seja, aquele que se propõe a enunciar algo para outro, carrega consigo as marcas da subjetividade. Em consonância com Benveniste, (1989), “o que caracteriza a enunciação é a acentuação da relação discursiva com o parceiro, seja este real ou imaginário, individual ou coletivo”. Sendo assim, o narrador do conto analisado assume a voz de uma determinada sociedade situada em um contexto histórico.

Para a análise do adjetivo, algumas palavras serão selecionadas do conto *Negrinha* e reproduzidos os significados, segundo o dicionário eletrônico *Houaiss*. Os sentidos transcritos serão aqueles que trazem maior significação ao contexto do conto.

Amimada : querida, mimada, tratada com mimo.

Apostólicas: que procede dos apóstolos; de acordo com a missão.

Assustados: amedrontados, intimidados.

Atrofiada: que não conseguiu se desenvolver por completo.

Azeda: pessoa de mau humor.

Bisca: hipócrita, patife.

Bobinha: idiota.

Bubônica: doença contagiosa.

Cachorrinha: mulher desavergonhada.

Coisa: tudo que existe (real ou abstrato) ruim: de péssima qualidade.

Coruja: mulher de má aparência ou velha.

Diabo: pessoa má, de mau gênio.

Doce: terno, afetuoso, agradável, aprazível.

Escura: sem luz.

Excelente: inigualável.

Fusca: escura, parda.

Gorda: farta.

Imundos: repugnantes.

Incoercíveis: irreprimíveis.

lixo: escória.

Magra: que não tem muita gordura.

Ótima: excessivamente bom; que é magnífico ou incomum.

Pestinha: qualquer mal que pode ser contagioso.

Pobre: que incita piedade, comiseração

Preta: de cor semelhante a do carvão ou do piche.

Rica: magnânima.

Ruços: de cor escura desbotada.

Sujeira: imundície.

Surrada: muito gasto pelo uso.

Trapo: pessoa em estado de decadência física e moral.

Virtuosa: repleto de virtudes (boas características morais); honrado, honesto.

O conto é iniciado com a descrição das personagens que compõem o antagonismo social: Negrinha e dona Inácia. A descrição da primeira se constrói predominantemente com adjetivos valorados negativamente. Segundo Ataliba T. Castilho, “a predicação é um processo semântico e simultaneamente sintático.” (2010, p. 519).

Ao discorrer sobre a personagem-título, no trecho, os adjetivos “pobre”, anteposto ao substantivo, e “assustados”, posposto ao substantivo, ambos predicativos, conferem valor subjetivo, o que também se revela nos quatro adjetivos seguintes que assumem a posição posterior, predominantemente, ao substantivo, mas conferindo-lhe, neste caso, constatação da condição física da criança:

“Negrinha era uma pobre órfã de sete anos. Preta? Não; fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados.” (LOBATO, 2000).

Os adjetivos “pobre” e “assustados” ganham intensidade se considerarmos e compreendermos que a época retratada é o período pós-abolição, contudo, os negros ainda eram tratados como seres sem alma e sem voz. A descrição física se revela nas palavras “preta” e “fusca” (escura) que se desdobra no adjetivo relacionado à mulatinha. “Ruços” é uma característica típica da raça negra e finda a visualização física da personagem. Quanto à seleção adjetival, nota-se preferência pelos adjetivos de valor atributivo, ou seja, aqueles derivados de um apagamento da sentença relativa, teremos, portanto, no trecho indicado os seguintes enunciados:

“Preta? (era preta?), Não; fusca (era fusca) mulatinha escura (era mulatinha escura), de cabelos ruços (era de cabelos ruços) e olhos assustados (olhos eram assustados). Bolinger (apud ATALIBA, 2010, p. 512), afirma:

“alguns adjetivos são ser-predicativos, enquanto outros, não. Os adjetivos ser-predicativos derivam de uma transformação de apagamento da sentença relativa, argumento da Gramática Transformacional que já aparecia na Gramática de Port-Royal.”

Em consonância a esse pensamento, os adjetivos predicativos seriam, portanto, aqueles que se caracterizariam por uma oposição relativa aos seus antônimos, teríamos, nesses casos, preto/branco; fusca/parda, escura/clara; assustados/confiantes.

Ao referir-se à opositora, a imagem de dona Inácia se constrói com predominância de adjetivos positivos: “excelente, gorda, rica, amimada”, ainda que carregados de ironia, os adjetivos, novamente valorados pela predicação, não revelam, com a mesma clareza atribuída à descrição da personagem Negrinha, o acentuado jogo de poder.

Na sequência da narrativa, revela-se a intolerância de dona Inácia para com a fragilizada criança, o fato a ser informado, desta vez, é que, por não ser carne de sua carne, dona Inácia não é tolerante para com Negrinha. Com essa revelação, o

narrador imputa à antagonista um distanciamento quase natural e justificável para a sequência de adjetivos que se gradarão no discurso:

"Pestinha, diabo, coruja, barata descascada, bruxa, pata-choca, pinto gorado, mosca-morta, sujeira, bisca, trapo, cachorrinha, coisa-ruim, lixo — não tinha conta o número de apelidos com que a mimoseavam. Tempo houve em que foi a bubônica."(LOBATO, 2000).

No trecho transcrito acima, a linguagem formal do português brasileiro cede vez à oralidade, algo não tão comum nos textos produzidos por Monteiro Lobato, mas ainda assim os adjetivos não perdem a carga da predicação. A sequência lexical permanece no âmbito da negatividade e continua conferindo à protagonista diminuição e desprezo.

Valendo-se dos estudos realizados por Kerbrat-Orecchioni (1980), a subjetividade na linguagem, propõe que, na língua, há palavras que carregam uma carga de subjetividade. O substantivo, o verbo, o advérbio e o adjetivo, que aqui nos interessa, são capazes de revelar a intenção que o falante traz consigo ao optar por uma ou outra palavra. Significa, portanto, que a escolha não é aleatória, mas imbuída de significado com um fim. Os adjetivos por sua vez, segundo a autora, podem ser divididos em duas classes: adjetivos objetivos e adjetivos subjetivos, mesmo posicionamento adotado por Ataliba Teixeira que passa a nomeá-los como não-predicativos e predicativos, respectivamente.

Os adjetivos objetivos são fruto da observação, independem do ponto de vista do enunciador. Já os adjetivos subjetivos, que são o escopo desse estudo, revelam posicionamento, ponto de vista do enunciador e subdividem-se, ainda, em afetivos e avaliativos. O primeiro, adjetivo afetivo, guarda propriedades do objeto e evidencia reação emocional do enunciador diante desse objeto, por exemplo, o trecho: "Seus olhos **contentes** envolviam a mísera criança que, **encolhidinha** a um canto, aguardava trêmula alguma coisa de nunca visto". A escolha dos adjetivos, além de guardar as propriedades do objeto/pessoa, dona Inácia estava em frenesi pela possibilidade de concretizar o castigo, revela a valoração dada pelo enunciador, daí a escolha por "olhos contentes", revelador

da alma e do prazer pela ação conseguinte. Já ao se referir à Negrinha, constata a sua condição "encolhidinha", contudo não se isenta de evidenciar fragilidade ao optar pelo sufixo da diminuição.

O segundo, adjetivo avaliativo (não-axiológico), confere quantidade ou qualidade ao substantivo a que faz referência, sem, com isso, manifestar juízo de valor ou afetividade. Seu uso se baseia em uma norma dupla: a interna do objeto qualificado e a específica do falante, a qual exprime subjetividade, por exemplo, "Assim cresceu Negrinha — **magra, atrofiada, [...]**". O adjetivo avaliativo (axiológico), carrega a mesma norma dupla, contudo, diferentemente do não-axiológico, atribui juízo de valor ao objeto, revelando assim, afetividade do enunciador, por exemplo, o trecho "**Ótima**, a dona Inácia." A escolha pelo adjetivo "ótima", por si só, revela valoração do enunciador; bom e mau já são adjetivos que trazem consigo a carga de positividade e de negatividade, quando se opta pelo flexão de grau do adjetivo, a intenção é de intensificá-lo, neste caso, independente da intenção irônica ou da supervalorização.

. Há, ainda, segundo Kerbrat-Orecchioni (1980), recursos que podem conferir valoração ao adjetivo: a própria natureza da palavra (ótima é a elevação de uma qualidade, ganha, portanto intensidade ao ser flexionada em grau, o ponto de exclamação (quando se opta por evidenciá-lo) ou a posição do adjetivo anteposta ao substantivo também conferem subjetividade ao adjetivo:

A esfregadela: roda de tapas, cascudos, pontapés e safanões a uma — **divertidíssimo!** A vara de marmelo, flexível, cortante: para "doer fino" nada **melhor!**[...] A **excelente** dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças." (LOBATO, 2000)

Sob essa perspectiva, sequência selecionada do conto corrobora para a informação de que os adjetivos do conto recaem predominantemente sob o eixo da subjetividade, ora avaliativo, ora afetivo. A posição do adjetivo em relação ao substantivo também oscila, sendo assim, o enunciador tem controle e intenção da elaboração daquilo que será enunciado.

Negrinha era uma **pobre** órfã de sete anos. **Preta?** Não; **fusca, mulatinha escura**, de cabelos **ruços** e olhos **assustados**. [...] E o

relógio batia uma, duas, três, quatro, cinco horas — um cuco tão **engraçadinho!** [...] A **boa** senhora suspirou resignadamente.[...] matar as saudades do **bom** tempo. Foi assim com aquela história do ovo **quente.**" (LOBATO, 2000)

Ainda sob o viés da intenção e da subjetividade, o quadro a seguir exemplifica os adjetivos de caráter predicativo que se reportam à Negrinha, protagonista, e à dona Inácia, antagonista. A seleção das palavras foi aleatória, mas seguiu a definição dada por Ataliba Teixeira de que os adjetivos predicativos se caracterizariam por uma oposição relativa aos seus antônimos.

Negrinha	Dona Inácia
pobre órfã	excelente senhora, gorda, rica
triste criança	amimada dos padres,
criminosa	boa senhora
ressabiada	feroz
vala comum	camarote de luxo reservado no céu

Em consonância com o pensamento do gramático Ataliba Teixeira, podemos constatar que a oposição entre os adjetivos relacionados à menina e à senhora conferem preferência pela escolha de um ou de outro adjetivo. Fica evidente, ainda, conotação negativa dada à primeira personagem e, à segunda, ainda que carregado de ironia, pode sugerir superioridade ou sensação disso.

5. METOLOGIA

A pesquisa realizada partiu do levantamento bibliográfico referente à subjetividade conferida ao adjetivo no texto literário, especificamente, no conto *Negrinha*, de Monteiro Lobato. Materiais de leitura como periódicos literários, artigos, resenhas, gramática normativa e funcional foram consultados para que, de fato, o embasamento teórico corroborasse com o pensamento que norteou a pesquisa.

Os adjetivos selecionados sem critério rígido foram classificados e distribuídos conforme a Gramática do Português Brasileiro, de Ataliba Teixeira de Castilho. Foram considerados os sentidos adquiridos do adjetivo dentro do contexto histórico em que o conto foi produzido, segundo a proposta de estudo de Benveniste.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo dessa pesquisa foi fornecer subsídios gramaticais ao leitor para que possa, com base na leitura atenta, formular hipóteses sobre a mensagem do texto. Partindo dos estudos sobre análise do discurso francesa, fica evidente que nenhum discurso é isento de intenção e, sob essa perspectiva, a escolha por palavras na elaboração textual, portanto, não pode ser considerada aleatória, mas criteriosa e com o compromisso de provocar a reflexão no leitor.

Levamos em conta, também, a elaboração da frase quanto à disposição do adjetivo: ora antes, ora depois do substantivo. Isso indica uma escolha consciente do autor sobre a mensagem que quer passar.

Não foi escopo dessa análise determinar a posição de Monteiro Lobato frente à temática da escravidão, mas reconhecer o contexto histórico em que foi escrito o texto e as condições sociais de uma e de outra raça naquela época, para que, assim, o próprio receptor seja competente na aquisição das informações. Cabe ainda ressaltar que as inferências sobre o sentido do

adjetivo adquirido no contexto foram feitas com base nos conceitos gramaticais propostos na *Nova Gramática do português brasileiro*, de Ataliba T. Castilho.

O leitor competente tem as habilidades leitoras desenvolvidas, contudo, para se chegar a tal competência e habilidade, é necessário fornecer instrumentos que levem a esse objetivo. Instruir na leitura quanto aos aspectos gramaticais, semânticos e discursivos é ponto de partida para que possamos ter leitores capazes de refletir sobre o contexto e, assim, transformar a realidade para que possa ser mais justa e igualitária.

7. REFERÊNCIAS

- BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral I*. Tradução Eduardo Guimarães ... [et al.]. 3 ed. Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1989. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/364971116/Emile-Benveniste-Problemas-de-Linguistica-Geral-II-Pontes-1989-pdf>. Acesso em: 21 jun. 2018.
- BIGNOTTO, Cilza Carla. *Duas leituras da infância segundo Monteiro Lobato*. Campinas: IEL/Memória, 2006. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/projetos/ensaios/ensaio24.html>. Acesso em: 20 jun. 2018.
- BRANDÃO, Helena H. N. Introdução à análise do discurso. 2.ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1993. _____. A subjetividade no discurso. In: Série Encontros. Araraquara: FCL/UNESP, 1994. Disponível em: http://www.sergiofreire.pro.br/ad/BRANDAO_IAD.pdf. Acesso em: 2 jun. 2018.
- CAMÕES, Luís Vaz de. Os Lusíadas, Canto IV, estrofe 94. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000178.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2018
- CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova Gramática do português brasileiro*. 1. ed. 1ª Reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2010.
- CASTILHO, Cecília Maria Moraes de. Adjetivos predicativos. In: CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova Gramática do português brasileiro*. 1. ed. 1ª Reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2010. p. 523.
- CHARADEAU, Patrick. *Linguagem e discurso*. São Paulo: Contexto, 1983.
- CONTERATTO, Gabriela Betania Hinrichs. Adjetivos: uma representação linguístico-computacional. 187 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, PUCRS. Porto Alegre, 2009. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/1888>. Acesso em: 21 jun. 2018.
- LAJOLO, Marisa. A figura do negro em Monteiro Lobato. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/outros/lobatonegros.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2018.
- LOBATO, Monteiro. Negrinha. In: MORINONI, Ítalo. *Os cem melhores contos do século*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2000. pp. 78-89.
- MACHADO, Irene A.. Texto como enunciação. A abordagem de Mikhail Bakhtin. *Língua e Literatura*, n. 22, p. 89-105, 1996. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linguaeliteratura/article/viewFile/114125/112013>. Acesso em: 20 jun. 2018.
- SILVA, Márcia Cabral da. *Monteiro Lobato, livro a livro: obra adulta*. In: LAJOLO, Marisa (org.) São Paulo, Editora Unesp, 538 páginas. Disponível em: http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.6572/pr.6572.pdf. Acesso em: 20 jun. 2018.
- CAMARA Junior, Joaquim Mattoso. História da Linguística/ Joaquim Mattoso Camara Junior; tradução de Maria do Amparo Barbosa de Azevdo; prefácio de Albertina Cunha. - 7. ed.

Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. Disponível em:
<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2796630/mod_resource/content/1/Mattoso%20Camara%20Jr.%20-%20Hist%C3%B3ria%20da%20Lingu%C3%A1stica.pdf>. Acesso em: 16. out. 2018.

8. ANEXO A - CONTO "NEGRINHA", MONTEIRO LOBATO

Negrinha

Monteiro Lobato

Negrinha era uma pobre órfã de sete anos. Preta? Não; fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados.

Nascera na senzala, de mãe escrava, e seus primeiros anos vivera-os pelos cantos escuros da cozinha, sobre velha esteira e trapos imundos. Sempre escondida, que a patroa não gostava de crianças.

Excelente senhora, a patroa. Gorda, rica, dona do mundo, amimada dos padres, com lugar certo na igreja e camarote de luxo reservado no céu. Entaladas as banhas no trono (uma cadeira de balanço na sala de jantar), ali bordava, recebia as amigas e o vigário, dando audiências, discutindo o tempo. Uma virtuosa senhora em suma — “dama de grandes virtudes apostólicas, esteio da religião e da moral”, dizia o reverendo.

Ótima, a dona Inácia.

Mas não admitia choro de criança. Ai! Punha-lhe os nervos em carne viva. Viúva sem filhos, não a calejara o choro da carne de sua carne, e por isso não suportava o choro da carne alheia. Assim, mal vagia, longe, na cozinha, a triste criança, gritava logo nervosa:

— Quem é a peste que está chorando aí?

Quem havia de ser? A pia de lavar pratos? O pilão? O forno? A mãe da criminosa abafava a boquinha da filha e afastava-se com ela para os fundos do quintal, torcendo-lhe em caminho beliscões de desespero.

— Cale a boca, diabo!

No entanto, aquele choro nunca vinha sem razão. Fome quase sempre, ou frio, desses que entangem pés e mãos e fazem-nos doer...

Assim cresceu Negrinha — magra, atrofiada, com os olhos eternamente assustados. Órfã aos quatro anos, por ali ficou feito gato sem dono, levada a pontapés. Não compreendia a idéia dos grandes. Batiam-lhe sempre, por ação ou omissão. A mesma coisa, o mesmo ato, a mesma palavra provocava ora risadas, ora castigos. Aprendeu a andar, mas quase não andava. Com pretextos

de que às soltas reinaria no quintal, estragando as plantas, a boa senhora punha-a na sala, ao pé de si, num desvão da porta.

— Sentadinha aí, e bico, hein?

Negrinha imobilizava-se no canto, horas e horas.

— Braços cruzados, já, diabo!

Cruzava os bracinhos a tremer, sempre com o susto nos olhos. E o tempo corria. E o relógio batia uma, duas, três, quatro, cinco horas — um cuco tão engraçadinho! Era seu divertimento vê-lo abrir a janela e cantar as horas com a bocarra vermelha, arrufando as asas. Sorria-se então por dentro, feliz um instante.

Puseram-na depois a fazer crochê, e as horas se lhe iam a espichar trancinhas sem fim.

Que idéia fazia de si essa criança que nunca ouvira uma palavra de carinho? Pestinha, diabo, coruja, barata descascada, bruxa, pata-choca, pinto gorado, mosca-morta, sujeira, bisca, trapo, cachorrinha, coisa-ruim, lixo — não tinha conta o número de apelidos com que a mimoseavam. Tempo houve em que foi a bubônica. A epidemia andava na berra, como a grande novidade, e Negrinha viu-se logo apelidada assim — por sinal que achou linda a palavra. Perceberam-no e suprimiram-na da lista. Estava escrito que não teria um gostinho só na vida — nem esse de personalizar a peste...

O corpo de Negrinha era tatuado de sinais, cicatrizes, vergões. Batiam nele os da casa todos os dias, houvesse ou não houvesse motivo. Sua pobre carne exercia para os cascudos, cocres e beliscões a mesma atração que o ímã exerce para o aço. Mãos em cujos nós de dedos comichasse um cocre, era mão que se descarregaria dos fluidos em sua cabeça. De passagem. Coisa de rir e ver a careta...

A excelente dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças. Vinha da escravidão, fora senhora de escravos — e daquelas ferozes, amigas de ouvir cantar o bolo e estalar o bacalhau. Nunca se afizera ao regime novo — essa indecência de negro igual a branco e qualquer coisinha: a polícia! “Qualquer coisinha”: uma mucama assada ao forno porque se engraçou dela o senhor; uma novena de relho porque disse: “Como é ruim, a sinhá!”...

O 13 de Maio tirou-lhe das mãos o azorrague, mas não lhe tirou da alma a gana. Conservava Negrinha em casa como remédio para os frenesis. Inocente derivativo:

— Ai! Como alivia a gente uma boa roda de cocres bem fincados!...

Tinha de contentar-se com isso, judiaria miúda, os níqueis da crueldade. Cocres: mão fechada com raiva e nós de dedos que cantam no coco do paciente. Puxões de orelha: o torcido, de despegar a concha (bom! bom! bom! gostoso de dar) e o a duas mãos, o sacudido. A gama inteira dos beliscões: do miudinho, com a ponta da unha, à torcida do umbigo, equivalente ao puxão de orelha. A esfregadela: roda de tapas, cascudos, pontapés e safanões a uma — divertidíssimo! A vara de marmelo, flexível, cortante: para “doer fino” nada melhor!

Era pouco, mas antes disso do que nada. Lá de quando em quando vinha um castigo maior para desobstruir o fígado e matar as saudades do bom tempo. Foi assim com aquela história do ovo quente.

Não sabem! Ora! Uma criada nova furtara do prato de Negrinha — coisa de rir — um pedacinho de carne que ela vinha guardando para o fim. A criança não sofreu a revolta — atirou-lhe um dos nomes com que a mimoseavam todos os dias.

— “Peste?” Espere aí! Você vai ver quem é peste — e foi contar o caso à patroa.

Dona Inácia estava azeda, necessitadíssima de derivativos. Sua cara iluminou-se.

— Eu curo ela! — disse, e desentalando do trono as banhas foi para a cozinha, qual perua choca, a rufar as saias.

— Traga um ovo.

Veio o ovo. Dona Inácia mesmo pô-lo na água a ferver; e de mãos à cinta, gozando-se na prelibação da tortura, ficou de pé uns minutos, à espera. Seus olhos contentes envolviam a mísera criança que, encolhidinha a um canto, aguardava trêmula alguma coisa de nunca visto. Quando o ovo chegou a ponto, a boa senhora chamou:

— Venha cá!

Negrinha aproximou-se.

— Abra a boca!

Negrinha abriu a boca, como o cuco, e fechou os olhos. A patroa, então, com uma colher, tirou da água “pulando” o ovo e zás! na boca da pequena. E antes que o urro de dor saísse, suas mãos amordaçaram-na até que o ovo arrefecesse. Negrinha urrou surdamente, pelo nariz. Esperneou. Mas só. Nem os vizinhos chegaram a perceber aquilo. Depois:

— Diga nomes feios aos mais velhos outra vez, ouviu, peste?

E a virtuosa dama voltou contente da vida para o trono, a fim de receber o vigário que chegava.

— Ah, monsenhor! Não se pode ser boa nesta vida... Estou criando aquela pobre órfã, filha da Cesária — mas que trabalhadeira me dá!

— A caridade é a mais bela das virtudes cristas, minha senhora — murmurou o padre.

— Sim, mas cansa...

— Quem dá aos pobres empresta a Deus.

A boa senhora suspirou resignadamente.

— Inda é o que vale...

Certo dezembro vieram passar as férias com Santa Inácia duas sobrinhas suas, pequenotas, lindas meninas louras, ricas, nascidas e criadas em ninho de plumas.

Do seu canto na sala do trono, Negrinha viu-as irromperem pela casa como dois anjos do céu — alegres, pulando e rindo com a vivacidade de cachorrinhos novos. Negrinha olhou imediatamente para a senhora, certa de vê-la armada para desferir contra os anjos invasores o raio dum castigo tremendo.

Mas abriu a boca: a sinhá ria-se também... Quê? Pois não era crime brincar? Estaria tudo mudado — e findo o seu inferno — e aberto o céu? No enlevo da doce ilusão, Negrinha levantou-se e veio para a festa infantil, fascinada pela alegria dos anjos.

Mas a dura lição da desigualdade humana lhe chicoteou a alma. Beliscão no umbigo, e nos ouvidos, o som cruel de todos os dias: “Já para o seu lugar, pestinha! Não se enxerga”?

Com lágrimas dolorosas, menos de dor física que de angústia moral — sofrimento novo que se vinha acrescer aos já conhecidos — a triste criança encorujou-se no cantinho de sempre.

— Quem é, titia? — perguntou uma das meninas, curiosa.

— Quem há de ser? — disse a tia, num suspiro de vítima. — Uma caridade minha. Não me corrijo, vivo criando essas pobres de Deus... Uma órfã. Mas brinquem, filhinhas, a casa é grande, brinquem por aí afora.

— Brinquem! Brincar! Como seria bom brincar! — refletiu com suas lágrimas, no canto, a dolorosa martirzinha, que até ali só brincara em imaginação com o cuco.

Chegaram as malas e logo:

— Meus brinquedos! — reclamaram as duas meninas.

Uma criada abriu-as e tirou os brinquedos.

Que maravilha! Um cavalo de pau!... Negrinha arregalava os olhos. Nunca imaginara coisa assim tão galante. Um cavalinho! E mais... Que é aquilo? Uma criancinha de cabelos amarelos... que falava “mamã”... que dormia...

Era de êxtase o olhar de Negrinha. Nunca vira uma boneca e nem sequer sabia o nome desse brinquedo. Mas compreendeu que era uma criança artificial.

— É feita?... — perguntou, extasiada.

E dominada pelo enlevo, num momento em que a senhora saiu da sala a providenciar sobre a arrumação das meninas, Negrinha esqueceu o beliscão, o ovo quente, tudo, e aproximou-se da criatura de louça. Olhou-a com assombrado encanto, sem jeito, sem ânimo de pegá-la.

As meninas admiraram-se daquilo.

— Nunca viu boneca?

— Boneca? — repetiu Negrinha. — Chama-se Boneca?

Riram-se as fidalgas de tanta ingenuidade.

— Como é boba! — disseram. — E você como se chama?

— Negrinha.

As meninas novamente torceram-se de riso; mas vendo que o êxtase da bobinha perdurava, disseram, apresentando-lhe a boneca:

— Pegue!

Negrinha olhou para os lados, ressabiada, como coração aos pinotes. Que ventura, santo Deus! Seria possível? Depois pegou a boneca. E muito sem jeito, como quem pega o Senhor menino, sorria para ela e para as meninas, com assustados relanços de olhos para a porta. Fora de si, literalmente... era

como se penetrara no céu e os anjos a rodeassem, e um filhinho de anjo lhe tivesse vindo adormecer ao colo. Tamanho foi o seu enlevo que não viu chegar a patroa, já de volta. Dona Inácia entreparou, feroz, e esteve uns instantes assim, apreciando a cena.

Mas era tal a alegria das hóspedes ante a surpresa extática de Negrinha, e tão grande a força irradiante da felicidade desta, que o seu duro coração afinal bambeou. E pela primeira vez na vida foi mulher. Apiedou-se.

Ao percebê-la na sala Negrinha havia tremido, passando-lhe num relance pela cabeça a imagem do ovo quente e hipóteses de castigos ainda piores. E incoercíveis lágrimas de pavor assomaram-lhe aos olhos.

Falhou tudo isso, porém. O que sobreveio foi a coisa mais inesperada do mundo — estas palavras, as primeiras que ela ouviu, doces, na vida:

— Vão todas brincar no jardim, e vá você também, mas veja lá, hein?

Negrinha ergueu os olhos para a patroa, olhos ainda de susto e terror. Mas não viu mais a fera antiga. Compreendeu vagamente e sorriu.

Se alguma vez a gratidão sorriu na vida, foi naquela surrada carinha...

Varia a pele, a condição, mas a alma da criança é a mesma — na princesinha e na mendiga. E para ambos é a boneca o supremo enlevo. Dá a natureza dois momentos divinos à vida da mulher: o momento da boneca — preparatório —, e o momento dos filhos — definitivo. Depois disso, está extinta a mulher.

Negrinha, coisa humana, percebeu nesse dia da boneca que tinha uma alma. Divina eclosão! Surpresa maravilhosa do mundo que trazia em si e que desabrochava, afinal, como fulgurante flor de luz. Sentiu-se elevada à altura de ente humano. Cessara de ser coisa — e doravante ser-lhe-ia impossível viver a vida de coisa. Se não era coisa! Se sentia! Se vibrava!

Assim foi — e essa consciência a matou.

Terminadas as férias, partiram as meninas levando consigo a boneca, e a casa voltou ao ramerrão habitual. Só não voltou a si Negrinha. Sentia-se outra, inteiramente transformada.

Dona Inácia, pensativa, já a não atazanava tanto, e na cozinha uma criada nova, boa de coração, amenizava-lhe a vida.

Negrinha, não obstante, caíra numa tristeza infinita. Mal comia e perdera a expressão de susto que tinha nos olhos. Trazia-os agora nostálgicos, cismarentos.

Aquele dezembro de férias, luminosa rajada de céu trevas adentro do seu doloroso inferno, envenenara-a.

Brincara ao sol, no jardim. Brincara!... Acalentara, dias seguidos, a linda boneca loura, tão boa, tão quieta, a dizer mamã, a cerrar os olhos para dormir. Vivera realizando sonhos da imaginação. Desabrochara-se de alma.

Morreu na esteirinha rota, abandonada de todos, como um gato sem dono. Jamais, entretanto, ninguém morreu com maior beleza. O delírio rodeou-a de bonecas, todas louras, de olhos azuis. E de anjos... E bonecas e anjos remoinhavam-lhe em torno, numa farândola do céu. Sentia-se agarrada por aquelas mãozinhas de louça — abraçada, rodopiada.

Veio a tontura; uma névoa envolveu tudo. E tudo regirou em seguida, confusamente, num disco. Ressoaram vozes apagadas, longe, e pela última vez o cuco lhe apareceu de boca aberta.

Mas, imóvel, sem rufar as asas.

Foi-se apagando. O vermelho da goela desmaiou...

E tudo se esvaiu em trevas.

Depois, vala comum. A terra papou com indiferença aquela carnezinha de terceira — uma miséria, trinta quilos mal pesados...

E de Negrinha ficaram no mundo apenas duas impressões. Uma cômica, na memória das meninas ricas.

— “Lembras-te daquela bobinha da titia, que nunca vira boneca?”

Outra de saudade, no nó dos dedos de dona Inácia.

— “Como era boa para um cocre!...”